ANO 1.º — LISBOA — QUARTA-FEIRA, 12 DE OUTUBRO DE 1921 — N.º 161

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diben

O SR. ministro do Comercio vai-se embora, deixando ao seu sucessor a resolução destes dois problemas — melhor aproveitamento da nossa frota mercante e maior fornecimento de agua á cidade de Lisboa.

Pelo que respeita ao primeiro, fala-se num emprestimo, com base nos proprios navios, para pagamento das dividas dos T. M. do E. — emprestimo que representa admiravelmente um processo comodo de os T. M. do E. se devorarem a si proprios e sem se deslocarem das suas actuais amarrações.

Quanto ao segundo, como daqui até ao proximo verão as chuvas talvez nos socorram com as suas copiosas bategas, temos uns nove meses para que a nossa incuria se refaça dalguns sustos que lhe causou o sr. Carlos Pereira, ilustre ditador das aguas.

* * *

SE a Camara Municipal nos vai expôr, com a sua intransigencia, aos dissabores duma nova greve, achamos melhor que se faça menos rigida e severa, para que se encontre uma solução amavel a um conflito em que as armas são alga rismos, mas a vitória de qualquer das partes é funesta aos interesses do publico.

* * *

SHACKLETON, durante quatro dias, esteve a bordo do «West», desembarcando algumas vezes. Como se propõe chegar ao polo sul, guardou comsigo de tal modo o segredo da sua viagem, que ninguem lho apanhou.

Lisboa, que é uma terra essencialmente linguareira, não poude romper um silencio assim pertinaz.

Shackleton conseguiu estar no polo oposto á cidade de Ulisses. E sem sair do Tejo...

* * *

OS ESTADOS UNIDOS, dada a alta cotação do «dollar», recolhem quasi todo o ouro do mundo. A sua riqueza aumenta como uma colossal torrente. Constitue-se assim um feudalismo unico no orbe.

E' de crer que um dia acabe o seu primado, lá no topo da sua montanha de «dollars».

Não há medalha que não tenha reverso. Os Estados Unidos ainda hão de ver fugir o oiro das suas fronteiras para outros rumos.

Quem será, então, o arquimilionario?

* * *

O MARECHAL Fayolle foi assobiado em Milão, Veneza e Vicenzia.

Obra imprudente dos «fascisti» — explicaram alguns italianos menos exaltados.

Manejos dos germanofilos — disseram outros em quem a guerra deixou um travo de rancor.

O marechal Fayolle, que é um dos grandes nomes da guerra, regressou a França sem saber quem eram os seus inimigos. Só em tempo de paz lhe poderia acontecer semelhante coisa!

Que em batalha ele lhes descobriria prontamente o nome e a furia de pelejar...

* * *

EM contrario do que pretendem os derrubadores de ministerios, o governo actual, se não lhe faltarem algumas possibilidades financeiras com que conta, deve durar mais do que se diz.

A escolha dum homem

O governo anda há algumas semanas empenhado em descobrir um português de geito que seja seu delegado na Exposição do Rio de Janeiro, a realizar-se por ocasião dos festejos do centenario da independencia. Até á data ainda não deu com ele. Porquê? Por falta de materia prima?

Embora actualmente haja muitissimos ambiciosos em Portugal, tantos que alguns se fingem descrentes dos destinos da Patria, ainda assim não há de ser impossivel achar, entre nós, um homem de quem se fie uma missão de tão alta responsabilidade. Os competentes a quem se tem dirigido o governo escusaram-se já.

Os srs. Barros Queiroz, Antonio Luiz Gomes, Cunha Leal e Ferreira da Silva declinaram o convite. Ignoramos as razões apresentadas para os convencer, como não conhecemos aquelas que eles invocaram para se eximirem. Cremos, porêm, que tanto umas como outras devem ser do maior pêso.

O sr. ministro do Comercio bateu á porta do sr. Lisboa de Lima, a ver se este se decide a tomar sobre os seus ombros uma carga tão pesada. Aceitará? Não sabemos, se bem que muito nos agrade que o ilustre funcionario do Ministerio das Colonias não siga o exemplo dos outros proceres.

Trata-se de uma pessoa educada, culta, conhecedora dum codigo de maneiras que a maioria dos nossos homens publicos ignora, capaz de mandar com senso e de se fazer obedecer sem servilismo. No Rio de Janeiro, estamos certos disso, a sua acção seria honrosa para o nosso nome e proveitosa para os nossos interesses.

Oxalá que não receie os labores e canceiras com que terá de arrostar, caso aceda aos rogos do sr. ministro do Comercio!

Nós carecemos de nos fazer representar nos paises estranhos por pessoas que nos não comprometam. Esta necessidade, em relação ao Brasil, toma um aspecto delicadissimo, sobretudo se atendermos que o delegado do nosso governo tem de evolucionar, de maneira a fazer calar todos os grulhas de cá e de lá, que não deixarão de atroar os ares com os seus gritos de patriotas ofendidos.

A nossa colonia do Rio de Janeiro alberga, infelizmente, alguns elementos que só vivem de descobrir defeitos, erros e vicios nos outros, mesmo que para isso se torne necessario negar os direitos da verdade.

Cá em Portugal tambem não escasseiam criaturas que muito se esmeram em malsinar toda a obra dos governos, principalmente quando, como agora, os despeitados são muitos.

GENTE FELIZ

Ela.— Quando fumo, sinto-me mais leve, mais risonha...
Ele.— A mim só me acontece isso com o *champagne*.

REUNIRAM-SE ontem várias pessoas de nome que se ocuparam da conveniencia de escolher outro sitio para o monumento ao marquês de Pombal.

Em nova e proxima reunião é que deve dizer-se a ultima palavra sobre o assunto.

Que motivos determinam tal resolução? Não nos propuzemos, sequer, averigual-os, convencidos como andamos que em Portugal tudo é efemero. Simplesmente lastimamos que o celebre ministro de D. José deixasse a sua glória entregue a uns cavalheiros que contam viver empoleirados no seu monumento, querendo cada qual levá-lo para a sua rua.

* * *

O DECRETO 7:733, do «Diario do Governo» de hoje, declara monumento nacional, por proposta do Conselho de Arte e Arqueologia, com sede em Coimbra, a Igreja de S. João das Donas, da mesma cidade.

* * *

AS ESTATISTICAS dizem que, no ano de 1919, o nosso comercio com a Espanha deu isto — 15.973:251 escudos de importações e 858:110 escudos de exportação.

Temos pena de não haver numeros que tão exactamente nos elucidassem ácerca do contrabando que se faz entre os dois paizes, pois se veria a extraordinaria importancia deste *negocio* rendoso.

* * *

UM grupo de intelectuais prepara uma série de conferencias sobre todos os problemas da nossa crise, a começar em dezembro ou janeiro.

* * *

O SR. ministro das Finanças não se mostra assás pessimista ácerca das dificuldades da hora presente, que conta vencer.

* * *

NALGUNS distritos do país reina o maior desassossego entre liberais, por falta de disciplina e direcção. Nota-se, sobretudo, uma mui imperfeita organização partidaria que não torna homogeneas as aspirações contraditorias.

* * *

TEM causado má impressão a maneira como o governo tem querido escolher o seu delegado na Exposição do Rio de Janeiro. Nunca deveria convidar ninguem, sem primeiro ter a certeza de ser bem sucedido.

* * *

O «Diario do Governo» publica hoje um «aviso ás repartições publicas» informando-as de que os diplomas referentes a nomeações, transferencias, demissões e, em geral, a movimentos de pessoal tem de ser publicados por extrato, devendo os respectivos originais ser dirigidos nessa conformidade.

* * *

O «Diario do Governo», por ter saido com inexactidões o decreto n.º 7:725, tornou a publicá-lo. Ocupa-se do funcionamento, junto do Ministerio da Justiça, do Conselho Superior Judiciario.

* * *

O SR. Lisboa de Lima, ex-ministro das Colonias e presidente da União da Agricultura, Comercio e Industria, aceitou hoje o convite que ontem lhe foi feito para ir ocupar o cargo de comissario português na Exposição do Rio de Janeiro.

MAGAZINE

O voto das mulheres

Parece que esta questão do voto feminino devia resolver-se procurando exclusivamente conhecer a capacidade ou incapacidade da mulher em materia politica, ou ainda a real ou ilusoria incompatibilidade das funções publicas com o papel que a mulher deve desempenhar na familia.

Não é, porêm, assim que as coisas se passam na vida real, fora das quixotescas utopias ideais em que anda sempre a razão.

Assim nós vemos que as duas camaras belgas andam á bulha, porque o Senado quère que as mulheres votem e a Camara dos Deputados não.

Parece que se achou uma plataforma: as mulheres irão ás urnas dentro de quatro anos. Os senhores deputados reconhecem a capacidade á mulher, mas opõem-se ao projecto... porque temem que o partido catolico ganhe as proximas eleições, se ella vai por diante.

Como se vê, é uma razão ao alcance de todos os entendimentos.

Placas historicas arrancadas

A estupidez e a ignorancia são atributos do genero humano, não de todo, é claro, mal de nós se assim fosse!...

As criaturas que vêm a herdar de um tio fazem quasi sempre asneiras que, neste caso, se explicam pelo pouco significado que tem uma placa de marmore que lembra um morto que foi alguem, ao pé das pinturas berrantes e pedras retorcidas que lembram a fortuna do proprietario.

Há em Paris uma rua, a rua da Visconti, a antiga rua Marais Saint Germain, onde passou tudo que em Paris houve de grande no passado. Ali esta a casa onde esteve o primeiro sinodo protestante de Paris em 1559, que foi assaltada, por lá se não guardar a sexta-feira. No n.º 14 esteve La Rochefoucauld, diante da casa de Saint Simon e Louvencourt. Ali viveu Tallement de Réaux e Nicolas des Yveteaux.

Os numeros 17 e 19 pertencem á casa onde Balzac viveu com a mulher a quem chamou a Dilecta, proximo da casa onde trabalharam os pintores Delaroche, Eugène Lami e Delacroix. Foi naquela mesma rua, que morreu o poeta Saint-Amant, que viveu Champmeslé, a primeira interprete de Rosane e de Efigenia e foi ainda na mesma casa em que veiu a morrer Racine. Nesta mesma casa veiu viver Clairon, a grande tragica, que dava recepções á côrte e onde a visitaram o marechal de Richelieu, o marquês de Ximêne, Voltaire, Diderot, Helvetius, Marmontel, a princeza Galitzine e o proprio Luiz XV.

Esta casa tinha uma placa comemorativa de tanta glória, onde se achavam gravados os nomes de Racine e de Adrienne Lecouvreur. Os proprietarios que a herdaram acharam a placa muito velha e arrancaram-na.

Há muito quem reclame contra e a placa, se ainda existe, voltará ao seu logar.

A glória dos mortos e da arte não pode ficar sujeita ao capricho dos que só têm por qualidade terem herdado uma casa, que é mais da história do que deles...

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses..... 9$00
6 » ..... 18$00
12 » ..... 36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

AS LETRAS FRANCESAS

UM INQUERITO A PROPOSITO DO PROJECTO DE LEI RELATIVO Á PROPRIEDADE LITERARIA

O DEPOIMENTO DOS ESCRITORES BOYLESVE, CLAUDE FANÉRE, ABEL HERMANT E ROSNY AINÉ

O deputado Pierre Rameil apresentou na Camara Francesa um projecto de lei, pelo qual são atribuidos ao Estado os direitos dos autores caídos no dominio publico.

E assim, cincoenta anos passados sobre a morte dum escritor, em logar de qualquer editor poder publicar livremente as obras do morto, será o Estado quem se encarregará dessa publicação, cobrando por esse serviço os interesses que até aí pertenciam á familia do escritor. Os lucros obtidos por esta forma serão empregados em premios destinados aos escritores pobres, e aos novos, no intuito de lhes poupar as dificuldades do principio.

Alguns escritores importantes começaram a ser interrogados pela «Comœdia» acêrca das vantagens ou prejuizos que de tal lei proviriam. Por emquanto há um numero maior dos que a consideram como prejudicial ao talento.

René Boylesal diz que é muito delicado qualquer pronunciar-se contra uma lei destinada a favorecer os escritores e os artistas infelizes.

«A ideia é excelente mas de desagradaveis consequencias na execução. E' preciso ajudar os escritores, mas só os que o mereçam.»

A ingerencia do Estado em materia artistica ou literaria tem sempre dado os mais tristes resultados. Já existem muitos premios. «Eu faço parte de muitos juris de atribuição; andamos muitas vezes «á caça» dum talento digno de recompensa». Não irá esta lei dar muito alento aos mediocres? O escritor infeliz multiplicar-se-hia.

Há ainda um ponto digno de toda a consideração. Quanto mais o povo lê, mais aprecia a literatura e mais vontade tem de ler. Que será feito desta disposição averiguada, quando as edições baratissimas dos classicos e dos poetas desaparecerem em virtude dos direitos cobrados pelo Estado?

Farrére entende que a limitação dos direitos de autor a cincoenta anos depois da morte deste é uma injustiça. E' uma injustiça tão grande como a que tira 1|6 ou 1|8 0|0 aos autores dramaticos a favor da assistencia publica, que entretem sobretudo os seus funcionarios. «Não estou para trabalhar para a burocracia francesa.»

Compreende que os direitos fossem utilizados numa casa de retiro para escritores que chegados a certa idade não podem trabalhar. Mas para premios literarios, não!

A Academia Francesa tem distribuido milhões. Qual foi o genio que descobriu? O daqueles a quem dá um premio depois de ter um nome literario e já não precisar dele para nada! «Distribuiu sempre os premios, ou levada por recomendações ou por sentimentos de caridade».

Os bons escritores teem mais que fazer do que serem juri numa organização desta extensão. O juri será composto de verdadeiros funcionarios pagos pelo Estado. «E então um eleitor pedirá a um deputado que influa nessas gratificações literarias». Em suma, Farrère entende que até agora o trabalho dos escritores era uma fortuna para os editores e que daqui por diante sê-lo-ha dos funcionarios e dos protegidos dos politicos.

Abel Hermant diz que a lei actualmente em vigor tem a grande vantagem de tornar conhecidos do publico os grandes escritores. Baudelaire, por exemplo, foi quasi desconhecido pela multidão até que pôde ser editado por um preço infimo.

Para criticar a lei actual é preciso conhecê-la nos menores detalhes. «Entretanto, pela analise do conjunto, não prevejo nada de bom. Ajudar um talento que já se evidenciou e carece de auxilio, está bem. Mas imagine-se o Estado a gratificar artistas e literatos, ou que se dizem tais!

Será um grande escritorio de beneficencia onde se será recomendado pelo seu deputado».

Rosny Ainé principia por aprovar o objecto do projecto: E' justo que o dinheiro de Racine, de Molière, de Victor Hugo sirva para desenvolver e pôr em evidencia os espiritos superiores. «Devemos evitar antes de tudo que a herança dos grandes homens seja incentivo aos mediocres. O dinheiro de Racine e de Corneille só deve ser dado a talentos que se lhes possam comparar. Foi proposta uma serie de 200 pensões de 5:000 francos. Mas como é que póde imaginar-se que existem 200 homens verdadeiramente superiores?»

Tais são as opiniões expostas até agora. Mesmo Rosny, aquele que dá ao projecto toda a sua simpatia, não pode deixar de lhe encontrar grandes inconvenientes. Parece que a opinião predominante é a dos que pensam com Boylesne que «o verdadeiro artista é o que traz comsigo uma obra e a realiza a despeito de todos os obstaculos», pois como ele diz: «Conheço muitos homens verdadeiramente superiores que se debatem com terriveis dificuldades, mas que são orgulhosos demasiado para aceitarem o menor socorro.»

Notas Mundanas

No Estoril

Nas termas

Causou a mais viva impressão, entre a nossa primeira sociedade, a noticia do «cotillon» infantil que se realiza amanhã no «hall» do Estoril-termas, havendo lindos brindes a distribuir pelas numerosas crianças que certamente ali afluirão.

Todos os bilhetes de entrada, que custam 2$50 para adultos, e 1$00 para crianças, têm direito ao sorteio de dois maravilhosos bonecos.

* * *

Igualmente deve revestir todo o brilhantismo o baile «rouge», que se realiza no sabado, no mesmo local e em que as ceias, servidas em «petites tables», pela «Garrett».

A Sociedade Estoril tem conseguido pela iniciativa do seu director, sr. Francisco Pais de Sande e Castro, que as termas sejam agora o ponto obrigatorio de «rendez-vous».

Recitas elegantes

No S. Luiz

Com a «première» de esta noite será este teatro um dos pontos mundanos de «rendez-vous». Como é sabido, as «premières» no S. Luiz sempre marcaram como noites elegantes.

Agenda

HOJE—No S. Luís, «première»; no Politeama, recita da moda, e no Cinema Condes, sessão elegante.

AMANHÃ—No Gimnasio, recita da moda.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Condessa de Santar, D. Maria do Carmo de Avilez (Reguengos) e D. Eugenia Santa Marta (Andaluz).

E os srs.:

Dr. Francisco Ferrão de Castelo Branco, dr. José Pereira Caldas e Antonio Vasco José de Melo (Santar).

Em viagem

Regressou de Cascais, com suas gentis filhas, a sr.ª D. Margarida da Mota Marqns Ferreira de Castro.

—Regressa no fim do mês de Cascais, com sua esposa e enteado, o sr. Alberto do Vale Colaço.

—Regressou do Luzo o sr. Jorge Colaço.

—Partiu para o norte o sr. D. Francisco de Portugal e Castro.

—Com sua esposa e filho, regressou da Granja o sr. Cristovão Aires.

—Regressa ámanhã a Lisboa a sr.ª condessa de Santar.

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

COLEGIO CALIPOLENSE

Rua Eduardo Coelho, 108 — Lisboa (á Praça do Rio de Janeiro) Telefone C. 4:199

Este antigo colegio recebe alunos internos, semi-internos e externos, a partir dos 6 anos de idade, aos quais dá uma completa e esmerada educação infantil. Ministra ***Instrução Primaria, Curso Comercial*** completo, ***Curso dos Liceus,*** conforme os programas oficiais, e ***Curso de Explicações*** para os alunos matriculados no liceu. Todas as aulas reabrem no dia 10 de outubro.

O director e proprietario

FERNANDES AGUDO.

ELECTRICIDADE--MAQUINAS

Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis **A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.**

TEATRO AVENIDA

FLORES DA NOITE A'S 9 E 1|4

A melhor musica!
O melhor guarda-roupa!
Os mais vistosos scenarios
da Companhia
SATANELA-AMARANTE

TEATRO DO GIMNASIO
Companhia ALVES DA CUNHA
HOJE — EM PLENO EXITO
A LABAREDA
Magistral creação de
ALVES DA CUNHA
que é, todas as noites, delirantemente aplaudido.
Esplendido desempenho em que tambem toma parte
BERTA DE BIVAR
A'MANHÃ — RECITA DA MODA
a 1.ª e unica com
A LABAREDA
SEXTA-FEIRA, 14 — REPRISE
da desopilante peça
O CELEBRE PINA
o maior dos exitos em peças alegres.
Continúa aberta a assinatura para 6 RECITAS com peças diferentes, sendo a primeira a nova comedia
MARIDOS ENCRAVADOS

TEATRO APOLO
Empreza AUGUSTO GOMES
HOJE — 4.ª feira, 12 — ás 21,15 — HOJE
Mais uma representação
Mais uma enchente
com o grande sucesso da revista de
EDUARDO SCHWALBACH
musica de Alves Coelho e del-Negro
O GATO POR LEBRE
com o seu engraçadissimo quadro de comedia
A'S AVESSAS
em cujo desempenho se distinguem Henrique Alves, Jorge Roldão, Rosa Mateus, Tereza Gomes, Elisa Matos, Maria Alves e Rahyra de Sousa.
Sempre grande entusiasmo!

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia LUZ VELOSO
Estando quasi completa a assignatura para as primeiras representações, a empresa resolveu abrir nova *assinatura* para as 7 primeiras
Recitas Elegantes
que se realisam ás terças-feiras com os seguintes originais portugueses em 1 acto: Na 1.ª—**A Prima Rosa quer casar**, farça de D. Maria Isabel Sousa Martins. Na 2.ª—**Nove d'Abril**, de D. Tereza Leitão de Barros, 1.º premio do concurso da *Capital*. Na 3.ª—**Corpo e alma**, de Alfredo Gameiro, 2.º premio. Na 4.ª—**O Degredado**, de Antonio Pinto de Almeida, 3.º premio. Na 5.ª—**Alma antiga**, de D. Maria Fernanda de Castro, 4.º premio. Na 6.ª—**Noite perdida**, de Henrique Roldão. Na 7.ª—Uma peça classica.
As peças serão precedidas de pequenas palestras e os espectaculos completados por peças de reportorio ou por partes de concerto.
A abertura do teatro realisa-se brevemente com a peça italiana **Mario e Maria.**
Bilhetes á venda para as primeiras representações.

EM CASCAIS

Os bailes da Parada

Cascais, a Inerte, acordou com o principio do mês de outubro; talvez fossem os estrepitosos morteiros do dia 3 que a acordassem. Acordou e resolveu divertir-se. Começou por ir a corridas de cavalos, que foram animadissimas, embora só se parecessem com as corridas de Longchamps e Ascot por haver lá cavalos a correr numa pista cuja situação é lindissima. Na assistencia não se viam os vestidos de elegancia suprema que lá fóra alegram os corações de umas mulheres e fazem a inveja e o desespero das outras, mas por entre as senhoras de saias bastante curtas passeavam dois chiquissimos manequins a quem as saias muito compridas davam um ar de gêbos a olhos pouco iniciados, porque ha modas que só conseguem ser bonitas depois dos olhos se terem habituado a elas.

Pobres manequins!

Passeavam-se, tentando conversar animadamente como lhes competia, mas a maçada irradiava molemente através a mascara da animação.

Pela vida fóra o que mais se encontra são manequins e os manequins que fazem reclamo a uma ideia ou a um ideal são incontestavelmente mais divertidos, mais interessantes e em geral mais bem caracterizados do que os do Amieiro. Por exemplo, o manequim da elegancia idealizada, que cegamente obedece a todas as leis da moda.

A moda agora decretou uma segunda adolescencia para os que já tinham desistido da primeira e os que tinham perdido a *souplesse*, porque as convenções lhe não permitiam que dansassem, aprendem a dansar—no ultimo baile em Cascais o «parquet» da sala de baile estava furado não sei se por algum rato se por algum pé elefantino — e todas flirtam conscienciosamente com a mulher do proximo, porque a moda, leviana e inconstante, é mais poderosa do que o imutavel decalogo como tudo que é futil e incerto é mais respeitado do que a verdade baseada nas sempre iguais fraquezas humanas, ainda que pareça mais facil não matar do que dansar bem uma schotiche.

Mas como neste mundo nada é inutil, nem mesmo a politica, nem mesmo os medicos, sempre bemdiremos a moda que faz dansar toda a gente, e assim alegra os bailes da Parada e ajuda as digestões nos jantares americanos.

MARIA SOFIA SANTO THIRSO

DR. ARMANDO NARCISO
Clinica medica
Travessa Nova de S. Domingos, 9 (á Rua do Amparo)

EPISTOLARIO

UMA CARTA QUE ALMEIDA GARRETT

DIRIGIU Á SENHORA D. MARIA DA LUZ FREIRE SALTER DE SOUSA CID

Publicamos a seguir a carta que o autor do *Fei Luis de Sousa* dirigiu a D. Maria da Luz Freire Saltèr de Sousa Cid, recolhida do convento de Odivelas, senhora que, no seu tempo, conviveu com os homens mais notaveis da nossa terra, que tanto apreciavam as graças do seu espirito e os seus honestos encantos de mulher. Pertence ao sr. dr. Augusto Cid, que no-la cedeu para a publicarmos. Parece ter sido achada na colecção epistolar duma companheira de D. Maria da Luz—colecção que formava um masso, tendo escrito por fóra — «Documentos a que o tempo aumentará o prêço».

18 de 9.bro

Ex.ma Sra.

Agradeço infinitamente a sua estimavel carta que me confunde e pinhora por extremo. Quando escrevi a S. Ex.a, eu não pensei realmente, minha Sra, senão em ajudar por minha pequena parte, a reparar os aggravos de uma instituição respeitavel intregue ao abandono e á destruição em q. anda tudo quanto é nosso. E V. Ex.a deu importancia de mais ao pouco que eu poderia fazer.

Em poucos dias espero q. a m.a saude me permitta ir beijar a V. Ex.a que ha m.to tempo estimo, e levar-lhe os agradecimentos de minha filha sua criada pela lembrança apreciavel que quiz ter d'ella.

Dê-me sempre m.tas occasiões de lhe mostrar a alta estima e consideração com q. sou

De V. Ex.a
M.to fiel afectuoso

ALMEIDA GARRETT.

A seguir publicaremos uma muito interessante carta que o grande orador José Estevão Coelho de Magalhães escreveu á senhora D. Maria da Luz Freire Salter de Sousa Cid.

TRES SONETOS

Sonambulismo

Em legendaria noite mediéva,
Na elegia estelar das ruas desoladas,
Quando o luar projecta a solidão e a treva,
Nossas almas vagueiam de mãos dadas.

Meu coração, humilimo, se enleva
A ouvir as tuas falas encantadas,
Sem saber p'ra onde vai, nem quem o leva
Do sonho nas quimericas estradas.

A que país de Sobrenatural.
Me conduz a nevrose passional
Do meu sonho d'amor, aniquilado?...

Como eu te quero! por que te perdi,
Possuo-te melhor, pois vejo em ti
A esfinge sempiterna do Passado.

Sempre

Em certas horas, quando a Sombra cresce
E o Silencio é a voz profunda do misterio,
Espectralmente vago, a errar, teu vulto aereo
Vizionariamente me aparece.

Num alheamento, iluminado e serio,
O teu rosto de sombra empalidece,
A escorrer luz, como se nele houvesse
Cristalizado todo o luar eterio.

E fico mais scismatico e mais triste;
Não sei se estou sonhando ou se ela existe
Para noivar, comigo, a eternidade...

Apenas sei, (e esta ideia esmaga)
Que do meu coração jámais se apaga
A sua profundissima saudade.

De noite

Nas minhas excursões pelos profundos
Caminhos labirinticos do Nada,
Num silencio de estrelas, d'Outros-Mundos,
Vejo a região da eterna madrugada.

Ali vivem meus sonhos vagabundos,
Ali habita a Sempre-Desejada,
E seus olhos são astros moribundos
Que trazem toda a treva iluminada.

Nirvanico jardim, onde uma orgia
Atlantica de luz, amanhecia
Seu vulto de misterio, aos olhos meus...

Jámais irei dizer-lhe o meu segredo,
Não vou lá ter com ela, eu tenho medo
Da tragica presença d'algum Deus.

Afonso de Castro

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer(Merthyr Smokeless)"

CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM

Portuguese Corporation of Commerce Ltd. — Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 5094 — Londres—56, Ludgate Hill

GARANTIA
Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)
Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921
Esc. 7.973.798$76,3
Capital — MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)
EFECTUA SEGUROS:
Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e de minas
—Seguros de vida—
AGENTES:
José Henriques Totta, Ld.a
Banqueiros
Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

S. I. C.
Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops
Pedir sempre os chocolates
S. I. C.

DINHEIRO
Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores
n'A COMERCIAL
18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)
TELEFONE C. 3:992

O SR. TEM PILHAS?
Deite-as fora!
Prefira o *Transformador C. S. V.* que dá consumo quasi nulo de corrente, garantindo o perfeito funcionamento de campainhas, trincos, etc.
CASA PALISSY GALVANI
89, Rua Serpa Pinto, 91

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"
3 meses..... .... 9$00
6 » ..... 18$00
12 » ..... 36$00
Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio
Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

"Diario de Lisboa"
Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Um crime

Isto é quasi um conto de Noel, um daqueles contos de ilustração com muita neve, muito frio e muita miseria. Era no inverno, sim, no inverno, num dia em que a chuva varejava das arvores as ultimas folhas e nos jardins os crisantemos desfolhavam suas tumidas cabeleiras de pagens. Chovia, chovia muito, e era ao entardecer. A cidade amortalhava-se em sombras; tristes pregões pelas ruas; costureiritas palidas, de sapatos rotos, onde os dedos irrompiam timoratos da sua desgraça, paravam em frente das montras com seduções a bailarem-lhe nos olhos tristes, violetas da noite.

Ele era um vagabundo. Chamava-se Vassalo Baliza e tinha doze anos. Vendia cautelas, apanhava «pontas», pedia esmola e roubava um pouco. Naquele dia, um dia como este, todo melancolia, todo sofrimento nas coisas e nas almas, a sua miseria tinha sido maior.

Chovia, chovia muito. Encolheu-se num portal a ouvir chover. A agua gorgoteiava nas valetas, punha estalactites nos esqueletos das arvores, um luaceiro palido no casario. Não passava ninguem. Deu-lhe vontade de chorar; depois, lembrou-se da mãe que esperava em casa uns pataquitos para comer. Ela estava doente... Um garoto passou assobiando, marcando fortemente os seus pés nús na lama da rua. Voltar para casa? Era uma solução. Mas a mãe?

E chovia, chovia muito, talvez chovesse sempre. Lentamente, tristemente, encaminhou-se para casa.

No pateo, as janelas, iluminadas, eram como pupilas vitreas dum moribundo.

Entrou... Uma voz chamou-o, mas ele seguiu.

Passos andados, sentiu gemer e uma vozita de criança, flebil, doente, invocando a mãe.

Deteve-se. Dentro daquela casa, deitada numa enxerga coberta de farrapos, uma rapariguinha, loura como um arcanjo de Rafael, agonizava, sem um carinho, sem uma lagrima, sem um conforto. No peito magro, uma medalha de ouro rebrilhava, fulgia. Vassalo Baliza lembrou-se da mãe, tambem doente, talvez com muita fome. A agonizante, num delirio, palavras soltas, ofegante e ardente, beijava agora a medalha. Então Vassalo Baliza entrou. Rapido, sem um estremecimento, sem uma cobardia, chegou ao pé da moribunda, estreitou-a num abraço de ferro, arrancou-lhe a medalha, e fugiu... A mãe já tinha que comer. Ao fundo do pateo, ouviu chorar; depois, um ai aflitivo, despedaçante, tragico, varou a noite como uma punhalada sangrenta...

Eu não lhes disse que este chá tinha muita neve, muito frio, muita miseria?

JORGE VAZ

O pessoal da Imprensa Nacional

Conferencia com o presidente do governo

Uma comissão delegada da associação do pessoal da Imprensa Nacional conferenciou, hoje, com o chefe do governo, sobre interesses de classe.

Roubo de caixas com latas de conserva

no valor de 60 contos

O agente Serra está tratando de investigar acêrca de uma queixa apresentada á policia pela firma Santos & Amaral, com escritorio na rua de S. Julião, de lhe ter desaparecido dum cais de embarque uma porção de caixas com latas de conserva, no valor de 60 contos.

ENTRE ISRAELITAS

O SAGRADO DIA DE "KIPUR"

O QUE SE PASSOU NA NOITE DE ONTEM NA SINAGOGA DA RUA ALEXANDRE HERCULANO

UMA RELIGIÃO QUE A TUDO RESISTE — A SUPERIORIDADE DA ARTE RELIGIOSA CATOLICA — SIMPLICIDADE DE CULTO E SIMPLICIDADE DE CRENÇA — BENOLIEL, O REPORTER FOTOGRAFICO, ELUCIDA...

Estâmos a 11 do mês de *Tishri*, o primeiro do ano de 5682, da era da criação do mundo, segundo Moysés. Hoje como há quarenta seculos, os judeus, a despeito de uma tradição longa de perseguições, continuam a seguir a sua religião e a contar a sua era. O sagrado dia de *Kipur*, ontem iniciado ao pôr do sol, terminará hoje, pouco depois do nosso jornal circular nas ruas. Entretanto, em Lisboa, como em New York, onde um milhão de judeus marca na grande capital essas vinte e quatro horas solenes, como em Londres, cujas trinta sinagogas são diminutas para conter a onda de crentes, como nas terras longinquas da Europa oriental, onde a *nagayka* se exercita na degola dos israelitas, os descendentes do povo do Senhor, dessas gerações distantes que criaram uma religião cheia de simplicidade—uma religião que foi a antecamara do catolicismo—como simples era o seu viver, cumprem com devoção o que determinam as taboas da lei que Moysés foi buscar, em estranho milagre, por entre a sarça ardente...

O *Kipur* é a Pascoa judia, mas uma Pascoa que, na realidade, eles executam bem mais devotamente que nos, tradicionalmente catolicos. Os israelitas de Lisboa, uns mil ou mil e quinhentos, com raras excepções, respeitam neste momento o jejum imposto pela sua lei, despojaram-se de objectos de valor, e transpõem a pé as tantas centenas de metros que separam as suas residencias da sinagoga da rua Alexandre Herculano... Dentro em pouco, depois da oração *Kehila* e do toque do *Shophar*, a provação será dada por finda e o judeu regressará, de consciencia tranquila, á sua vida ordinaria.

* * *

Uma visita á sinagoga, valia como reportagem. Fomos ontem lá, em companhia de um israelita amigo e do nosso canto atentamente seguimos quantas cerimonias o ritual hebraico determina. A sala, vasta, não valendo, em arte, o que valem as igrejas catolicas—porque o catolicismo soube, num desejo de atrair, conjugar quantos motivos de beleza a Humanidade tem criado—estava repleta. Boa gente, isto é, gente de rasoavel linha exterior, pois a colonia israelita de Lisboa muito atraz das outras se não tem deixado ficar, á excepção de dois, quatro devotos, que no aspecto geral revelavam, já não diremos pobresa mas mediocridade.

O acto, quando chegámos, já tinha começado. O presidente da congregação, Salomon Sequerra, seguido do reverendo Abraham Castel e J. Tchaves Hain, e dos srs. Isaac Levy, Samuel Masmik, Salomão Levy Junior e Mary Maram, haviam aberto a Arca da Lei—rasgada, ao fundo, em semi-oval e circundada pelo preceito, gravado em caracteres hebraicos, *lembrate perante quem estás*—e transportado processionalmente os *setharins* ou rolos de pergaminhos em que estão gravados os cinco livros de Moisés. Esta primeira parte é rapida. Os israelitas citados, todos de idade avançada, alguns de longas barbas, tomam logar numa tribuna em circulo que enfrenta com a Arca da Lei e, agitando de quando em quando os rolos, cobertos de oferendas artisticas em prata e ouro, dão inicio á segunda parte da noite de *Kipur*, que é a mais interessante.

Em quanto os fieis, auxiliados por velhos livros em hebraico, decifram orações, um dos reverendos israelitas, canta psalmos nessa lingua que já morreu para a vida, mas que sôa agora a novo, a coisa original. A voz, cheia, musicada, ergue-se, muito clara, no silencio geral. De quando em quando, canta-se em coro e isso lembra-nos um sacerdote catolico acolitado por muitos sacristães. A cerimonia prolonga-se, assim, uns vinte minutos. Que quere aquilo dizer? Não sabemos. Para nós, aquela toada que se arrasta durante tanto tempo, é indecifravel e só nos garante que a algo corresponde, o voltear constante de folhas a que os comungantes se entregam, decifrando da esquerda para a direita os carecteres hebraicos de desenho exquisito, que as enchem.

Benoliel, o velho *reporter* fotografico de todos nós tão conhecido, que continua a professar com fervor a religião de seus pais, explicamos em conversa rapida do que se trata. Vale talvez a pena registar: primeiro, rezou-se um sufragio geral pelos mortos dos cemiterios de Lisboa; em seguida, abençoaram-se os srs. Salomon Sequerra, presidente de honra da congregação, o presidente e demais membros do «comité» israelita da capital; depois, abençoou-se o sr. dr. Antonio José de Almeida, na sua qualidade de chefe de Estado, com a oração que principia pelas palavras *Anoten teshur*. Por ultimo, foi lançada a benção geral a todos os presentes.

Após esta ligeira tinta de explicação, continuámos a observar a execução do rito, que estava agora no seu termo. Os israelitas, irrepreensiveis nas suas sobrecasacas negras, chapeus na cabeça, aos hombros grandes mantos de seda e lã, atravessados por barras multicolores, de nominados *talet*, rezaram a oração da noite, disseram psalmos e terminaram com canticos que, não causando má impressão, forçoso é confessar que bem longe se encontram em belesa, das mais ruins composições da nossa musica sacra.

* * *

Eram 20,30. O *Kipur*, solenemente inaugurado, fôra suspenso para proseguir hoje, durante todo o dia. Lá fora, emquanto os israelitas de maior ortodoxia descalçavam os sapatos de penitencia e retomavam o calçado habitual, Benoliel, nosso iniciador em cerimonias tão pouco conhecidas, elucidava, emquanto os fieis debandavam:

— Vê você aquelas duas senhoras? — disse, apontando duas judias de alta estatura, vestidas rigorosamente á ultima moda, que conversavam em companhia de outras correligionarias.

— Pois são duas judias romenas — prosseguiu. — Estiveram aqui, de tarde, a marcar logares e disseram, em correcto português, que por coisa alguma queriam deixar de assistir ao *Kipur*.

Um oficial do exercito passou, entre amigos. *Forragère*, cruz de guerra, divisas de tenente.

— Este — e apontou-o — converteu-se recentemente. Descende de hebraicos e a sua grande preocupação, quando na Escola de Guerra, era estudar a nossa lingua e a religião.

— Sim?! — fizemos, surpreendidos.

— Mas há mais — acrescentou Benoliel, entusiasmado. — E' frequente, por ocasião destes dias santos, aparecer na sinagoga gente da provincia, principalmente de Bragança e Covilhã, descendente dos *cristãos novos*, que segue as cerimonias com o maior fervor. Alguns não sabem já interpretar o ritual como ele é, mas a sinceridade tudo supre...

Formaram-se grupos, junto de nós. Há senhoras, em regra bem gentis; pronun-

(*Ver a continuação na 8.ª página*)

PÃO NOSSO...

O preço do pão de tipo unico vai ser de:

60 CENTAVOS CADA QUILO

O que o senhor ministro da agricultura nos disse, a proposito da inovação

Cá fora o dia corria desabrido, cheio de chuva e neblina. Sentiamo-nos bem naquele gabinete de ministro, o do sr. Aboim Inglez, que revela um diagrama de conforto bem menos elevado que o do pão que estamos comendo e que, em contraposição, enferma de defeito contrario... Estavamos ali em busca de noticias novas sobre o tipo unico que, dentro em breve, quem sabe se em desconto dos nossos pecados, há de substituir a chusma de tipos que nos hão servido. Preguntámos:

— Sr. ministro da Agricultura...

— Diga.

— Sempre se faz o tipo unico?

— Sim, senhor — responde, laconicamente, o ditador dos trigos e farinhas.

Depois, á laia de justificação: — Sempre fui partidario do tipo unico. Sempre. Mas pensei, ao estabelecer o actual regime de três tipos, que conseguiria um pão de 3.ª suceptivel, pela sua uniformidade e composição, de satisfazer as classes menos abastadas. Eis a razão porque entrámos no regime artificial dos três tipos. Uma dificuldade enorme em colocar o pão de primeira.

Silencio breve. Novas interrogações: — E quando começaremos a comer o tipo unico? Quanto custa?

— Entre 15 e 20 do corrente. O preço? Cada quilo, 60 centavos. Deixe-me dizer que o tipo unico só não será bom — e o sr. ministro acentuou bem as palavras que seguem — se os padeiros e as fábricas não quizerem... Manipulá-lo hão com excelente trigo exotico.

— Diagrama?

— Não irá além de 77 por cento. Muito bom...

O sr. Aboim Inglez chama um secretario e pede-lhe as amostras de experiencias do tipo unico. Depois, mostrando:

— E' muito semelhante ao actual pão de 2.ª, como vê, um poucochinho mais escuro, mas, em compensação, mais completo, mais nutritivo.

— O tipo unico é para todo o paiz?

— Sim. No Porto consumir-se há, como em Lisboa, trigo exotico. Quanto á provincia, bastar-lhe há o nacional que, por muito pesado, pode atingir o diagrama de 80 por cento. Nas zonas produtoras o preço será sensivelmente o mesmo; nas zonas deficitiarias deve ser maior, mercê das despesas de transporte. Sabe qual é a grande vantagem do novo regime?

— ?...

— Acabar com o contrabando de pão, farinhas e trigos, de concelho para concelho e de distrito para distrito. O regime é uniforme em todo o paiz. Todos terão, pois, pão igual. Terminará assim a revoltante injustiça de uns comerem o farelo e outros a farinha...

MÁ-LINGUA

O homem que passa

Ergue na «Capital» a sua voz;
tenta dar-lhe estridencias de trovão;
e frases ôcas, numa furia atroz,
quando ele passa-passam de roldão...

Borda palavras no ideal mais chão,
pensando que ultrapassam, para nós,
as flores de «vermeil» *signé Leitão*
que enfeitam certos *Barros* de Estremoz.

O publico é injusto; a um ponto tal
que diz que o nosso heroi escreve mal
E até lhe chama nomes:—tolo, alarve...

Entregue ás mãos crueis da populaça
é este misterioso homem que passa
O homem que passa... as passas do Algarve!

Taço

A CIDADE

FAZER VIDA...

O estado maior da Caixa Geral de Depositos

RECEBE DEZENAS DE CONTOS

Ordenados que, apesar da desvalorização da moeda, não são para desprezar...

Alguem que reputamos bem informado, enviou-nos informes ácêrca da Caixa Geral de Depositos—o mais importante estabelecimento de credito do Estado—que, a serem completamente exactos, dão bem ideia das anomalias que existem na nossa burocracia, no que respeita a pagas. Verifica-se, por esses dados, que o estado-maior que dirige o organismo financeiro do largo do Calhariz, percebe, em geral, vencimentos maiores que os marcados aos ministros da Republica, parecendo haver até quem não fique muito longe, quanto a renda, do chefe do Estado.

Assim, além da percentagem nos lucros, que no ano economico findo rendeu, para cada um dos membros, 6:384$16, o conselho de administração tem os ordenados mensais seguintes: dr. Daniel Rodrigues, 425$00; Raul do Carmo, 400$00; Manuel Maria Coelho, Morais Rosa e Amancio de Alpoim, 384$00 cada. Estes funcionarios, ainda fazem parte do conselho fiscal, que conta tambem entre os seus membros os srs.: Alberto Xavier, A. José Malheiro, Antonio da Fonseca, Joaquim José de Matos, João Camoesas, J. Marques Vidal, P. de Almeida, Adolfo Coutinho e Bento Mantua.

O conselho reune quantas vezes entende, recebendo os seus membros, por cada sessão, 10$00. Além disso, tiveram este ano a retribuição de 2.280$40, o que dá para os administradores, que acumulam a função fiscallzadora, um rendimento anual nada despresivel, a despeito da desvalorização da moeda...

O nosso informador garantiu-nos ainda que, em contraposição, o pessoal da Caixa Geral de Depositos é insuficientemente pago, a despeito de entre ele existirem magnificos elementos de trabalho.

Pelo menos, ha sempre um administrador em viagem de fiscalização ás agencias, com todas as despesas pagas pela casa, constituindo isso um comodo processo de tornar as belezas naturais do paiz conhecidas, embora por preço bem elevado, dos numerosos membros do estado maior da C. G. D....

O director da P. S. E. tem uma conferencia com o chefe do governo

O sr. dr. Costa Ferreira, director da policia de segurança do Estado, conferenciou, hoje, com o sr. presidente do ministerio.

Os exames na Faculdade de Direito

Os presidentes dos juris deste mês

Foram nomeados presidentes dos juris dos exames a realisar no corrente mês na faculdade de direito de Lisboa, os srs. drs. Sousa Andrade, Pina Calado, Sousa e Castro, juizes do Supremo Tribunal de Justiça, Arnaldo Norton de Matos, Almeida Arez, Manuel Nunes da Silva e Joaquim Alves Ferreira, juizes da Relação.

O imposto sobre pianos

Foi prorrogado por mais 30 dias, sem multa, o praso para o pagamento do imposto sobre pianos. (Lei n.º 1208 de 14 de setembro ultimo).

O novo ministro do comercio

Toma posse ámanhã ás 15 horas

O sr. Antonio Augusto Curson, qne ámanhã, pelas 15 horas, deve tomar posse da pasta do comercio, trocou hoje impressões com o ministro, sr. dr. Fernandes Costa, sobre os negocios do Estado que vai gerir. O sr. Curson era acompanhado do chefe do seu futuro gabinete, sr. Costa Junior.

PROBLEMAS DE INSTRUÇÃO

A REFORMA DO ENSINO LICEAL

O "DIARIO DE LISBOA" ENTREVISTA O SR. GINESTAL MACHADO, ILUSTRE MINISTRO DA INSTRUÇÃO

O GOVERNO PENSA EM CONCEDER UM SUBSIDIO AO TEATRO NACIONAL ELEVANDO OS HONORARIOS DOS ARTISTAS—A RAZÃO PORQUE A MOCIDADE DAS ESCOLAS SUPERIORES SE AFASTA DA REPUBLICA

E' num gabinete alcatifado a vermelho, de reposteiros sumptuosos, tambem a vermelho, e de grandes cadeiras de espaldar, que o sr. Ginestal Machado, ministro da instrução, conversa comnosco. Em fotografia, as taboas de Nuno Gonçalves; um contador, alto e pezado, á direita; um silencio cheio de sombra que a chuva, que cái lá fóra, avoluma e faz maior, por toda a sala. Já' se acendeu a electricidade; o vermelho que nos rodeia lembra uma recamara antiga dum palacio episcopal, numa Veneza seculo XV. E foi talvez, por este vermelho, que inunda suavemente a sala, que o sr. Ginestal Machado disse, quando lhe mostrámos uma noticia dum jornal da tarde:

—Não sabia! Qualquer dia fazem-me bispo, sem o saber.

Trata-se do teatro Nacional, um teatro ainda fechado para o publico, mas sempre aberto ás interpelações dos parlamentares, ás notas dos jornais e ás intrigas de bastidores. Para isto, o pano está sempre em cima...

—Não penso em demolir... Sou conservador, republicano conservador, declara, lentamente, muito lentamente—o sr. Ginestal Machado.

—Aquele teatro!...—E' um teatro que leva sempre um ponto de exclamação.

—Penso em reorganizá-lo, em conceder-lhe um subsidio.

Não parecerá estranho afirmar que aquilo, como está, não serve... Não, não é um teatro normal, não é um teatro tipo.

—Pensa v. ex.ª... Mas para já?

—Para já, não! Para fazer qualquer coisa no Nacional, para o erguer á altura das suas tradições, torna-se necessario que o Estado dê ao teatro um subsidio... Sem isso...

O sr. Ginestal Machado, que acendera um cigarro, permitiu um «dá licença» para uma objecção:

—Não é sua opinião, sr. ministro, que os defeitos do teatro giram á volta da sua organização, que alguns apodam de má? Má, repare.

—Sim... Talvez... Compreende, porém, que o publico já não concorre como dantes aos espectaculos. Nos meus tempos de rapaz, quando vinha a Lisboa, o D. Maria estava cheio. O comerciante, o empregado publico, interessavam-se pelo teatro literario. Agora, só o animatografo. Perdeu-se o gosto, adulterou-se.

—Tambem só nos dão «réprises». Outros teatros do genero ganham...

O sr. Ginestal Machado não quiz responder ou não ouviu a frase. Meteu-se pelos honorarios dos artistas e um pouco pensativamente, como homem que equilibra as finanças domesticas, diz:

—Os artistas não ganham o que deviam. Nos outros teatros, dois contos, três contos. Ali—não tenho bem presente—mas os maiores ordenados andam á volta de seiscentos mil réis. Só uma casaca custa quatrocentos! E as senhoras!?

—A sua reorganização...

—Penso nela. Já lhe disse na outra entrevista...

E nada mais, o sr. Ginestal Machado, esclareceu.

Falou-se—foi o jornalista—da interpelação do deputado Vasco Borges ao sr. ministro da Instrução sobre o teatro Nacional.

—Eu não sei nada. Esse deputado nem particular nem oficialmente me comunicou qualquer cousa. Sei-o agora por si.

—E quando ele falar?

—Responderei.

Projectamos a conversa noutro assunto. Um assunto que anda sempre na boca dos intelectuais republicanos, um assunto, que ainda há dias, aqui no «Diario de Lisboa», o sr. João de Deus Ramos, em entrevista, abordou: O pouco republicanismo da nossa mocidade academica.

Lentamente o sr. Ginestal Machado perpassou a mão pela testa; fechou um pouco os olhos:

—Não compreendo que os professores possam fazer um ensino republicano ou monarquico.—A sciencia—aqui uma definição—não se estuda ao sabor dos regimes. Eu, sendo professor de historia e republicano já no tempo da monarquia quando veiu o actual regime, continuei ensinando da mesma maneira como até ali o tinha feito. A filosofia, a fisica, a quimica...

—Sr. ministro: é ou não monarquica a mocidade das escolas superiores?

—Sim, é, mas não por culpa dos professores... A razão?—preguntá. A republica não satisfez muitas aspirações; o ideal nunca se atinge... A mocidade então levada pelo espirito irrequieto e idealista da nossa raça caiu nos extremos... E' o caso, é a perturbação do seculo...

E o sr. Ginestal Machado, lento, na sua palavra lenta, que não magôa o silencio da sala vermelha, sala de palacio episcopal, numa Veneza seculo XV, de alabastros maritimos, faz-nos um pequeno curso de historia, analisando as causas da perturbação social.

—Eu fui anarquista; tinha 18 anos. No meu tempo a academia era toda republicana; os professores, todos monarquicos, eleiçoeiros, caciques. Não havía então influencia da parte deles como de resto hoje tambem não ha... O espirito do aluno, sendo inteligente, é estar sempre em oposição com o professor. De resto, eu penso em fazer publicar a todos os professores das escolas superiores as suas lições. E' para terem a responsabilidade do que dizem, para acabarem as palavras, as banalidades...

—O ensino secundario em França está voltando aos seus antigos moldes. O latim, o grego...

O sr. Ginestal Machado interrompeu rapido. Era o seu primeiro movimento de vivacidade:

—Penso em reformá-lo. E apontando para a sua pasta:—já ali tenho o esboço! Deminuo as disciplinas e aumento as horas das lições. Primeiro e segundo ano têm apenas três disciplinas: o português, o francês e o desenho. muitos trabalhos manuais... Cultivar a expressão e os sentidos dos alunos.

«Com o terceiro ano começa a separação: para um lado as sciencias, para outro as letras.

«Depois, no 7.º ano de letras, uma ponte de passagem, para as sciencias. Para os que quizerem, bem entendido.

—E para quando essa reforma?

—Para o ano...

—Mais uma gréve!

E a frase fechou a entrevista. Já de pé, no meio do vermelho da alcatifa, segurando o reposteiro, ouvimos:

—Tenho pelo sr. João de Deus Ramos a maxima consideração. Não se vá julgar...

MALAS POSTAIS

Pelo "Oruba"

Devido a atrazo na viagem, só ámanhã o «Oruba» sairá do Tejo, levando malas postais para Las Palmas, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires. A ultima tiragem da caixa geral é ás 11 horas e os registos encerram-se ás 9.

OS TEATROS

Atraz do reposteiro

Podemos confirmar a nossa noticia de ontem: o revisteiro Leandro Navarro sempre entregou ao empresario Augusto Gomes, do teatro Apolo, a sua nova revista que escreveu, de colaboração com Candido Torrezão. Consta-nos que foi aceita.

—Consta que a actriz Maria Amelia de Carvalho, 1.º premio de dança do Conservatorio, vai ser contratada para o teatro Eden.

—Foi averbado na 6.ª conservatoria do registo civil o divorcio do conhecido tradutor de peças italianas e actor Mario Duarte, que havia casado em Italia.

—E' ámanhã que a revista «Tic-Tac» reaparece no Coliseu dos Recreios. O corpo coral da companhia é de 60 figuras. O scenografo Eduardo Reis (filho) pintou um «encadrement» e cortinas em estilo moderno(?), de vistoso efeito.

—Diz hoje o nosso colega «A Manhã»:

Uma das peças que a empresa Otelo de Carvalho explorará no Salão Foz intitula-se «De Herodes para Pilatos».

!!!

—A seguir á revista «Gato por Lebre», far-se-ha «reprise» no teatro Apolo da revista «Pam».

—O «Lisboa-Club» formou já o «elenco» e o repertorio para a epoca de inverno, que se inaugurará a 16 deste mês levando á scena a peça espanhola de Filipe Sassorre, intitulada «A ventoinha». A tradução é de Joaquim Pinto. No repertorio figuram ainda as seguintes peças:

«Sonho de uma noite de Agosto», novela em 3 actos, de Martinez Sierra, tradução de Joaquim Pinto; «João José», peça em 4 actos, de Joaquim Dicenta; «Leonor», peça em 4 actos, adaptação de Guerreiro Martins; «A voz de sangue», comedia em 3 actos, de Gervasio Lobato; «O grande magico», peça em 4 actos, de Georges Berr e Louis Verenuil, tradução de Joaquim Pinto; «A Severa», peça em 4 actos, de Julio Dantas; «O A's», comedia em 3 actos, de Henequin Weber, tradução de Joaquim Pinto; «A Rosa do Adre», drama em 3 actos; «O Gavião», peça em 4 actos, tradução de Teixeira de Almeida; «Ilusões de amor», comedia em 3 actos, tradução de Guerreiro Martins. Uma revista em 1 acto para uma das noites do Carnaval, e uma peça que causará sensação para a mesma noite.

A'manhã daremos os nomes dos artistas que compõem o elenco.

—Já está perfeitamente legalizado em Portugal o casamento do actor Vasco Santana, que no Brasil se havia consorciado com a sr.ª D. Arminda Martins.

—A estreia da companhia infantil no Porto realiza-se no proximo dia 20.

—A actual companhia do Eden realizará tres espectaculos em Coimbra nos dias 3, 4 e 5 de Novembro.

—Afirma-se que a escritora Veva de Lima fará representar este inverno, uma peça da sua autoria

Reclames

S. CARLOS—Entrou já em ensaios de apuro a peça «Jerusalem», de George Rivolet, com que a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro fará a sua estreia neste teatro.

GIMNASIO—Segue contando as recitas pelas enchentes o Gimnasio, aonde a interessantissima peça «A Labareda» continua obtendo um exito dos mais brilhantes e entusiasticos. Das ovações que lhe são tributados partilham Berta de Bivar e os outros interpretes da peça, que muito bem o acompanham.

APOLO—Tanto na «Semi-nua», como no «Mau genio» ou na «Noite de Santo Antonio», a gentil actriz Cina Demoel agrada ao publico pela sua frescura e encanto, na revista «Gato por Lebre», em scena neste teatro.

AVENIDA—Continua em pleno sucesso a opereta «Flôres da noite»: O ilustre actor Amarante vê todas as noites o publico aplaudi-lo com fervor assim como á gentil actriz Satanela.

SALAO FOZ—A companhia Otelo de Carvalho já está ensaiando a revista «Bichinha gata», com que realiza a sua apresentação a 24 do corrente. A peça é da autoria de Ernesto Rodrigues, João Bastos, Felix Bermudes e Lino Ferreira, e o seu 1.º quadro intitula-se «Do ceu te venha o remedio».

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21—«Marido provisorio».
GIMNASIO—A's 21,30—«A Labareda».
AVENIDA—A's 21,15—"Flôres da Noite".
APOLO—A's 21,15—"Gato por lebre".
POLITEAMA—A's 21,30—"A raça".
EDEN—Fechado.
CHIADO TERRASSE—Fechado.
TEATRO GIL VICENTE—(á Graça)—Aos domingos segundas e quintas feiras—«A Martir».
TEATRO DOS ANJOS—A's 21—Quintas, sabados domingos—«O homem macaco», revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—«Box».

SALAO FOZ—Animatografo e variedades.
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALAO IDEAL—Animatografo.
SALAO CENTRAL—Animatografo e concerto.

O FUTURO DO NOSSO PATRIMONIO COLONIAL

A OBRA DUM ALTO FUNCIONARIO DA REPUBLICA

ANGOLA, COLONIA ESPERANÇOSA — OS SEUS RECURSOS NATURAIS, HABILMENTE APROVEITADOS PELO ALTO COMISSARIO, DEIXAM ENTREVER A PORTUGAL UM PORVIR DESAFOGADO — O QUE POR LÁ SE FAZ E O QUE POR CÁ SE NÃO FAZ

Anda de ouvido em ouvido, fonografada por criaturas de humorismo facil, esta frase que já conseguiu vincar traços fundos nas faces policromas de certos portugueses:

— O nosso futuro está nas colonias!

Repetem-na, minuto a minuto — ar de riso nos labios, geito de imbecilidade nos olhos — determinados seres que, sem portaria ou decreto publicado, usam as mãos nos extremos dos braços e por vezes se admiram bastante disso...

Nem tudo é falsificado, felizmente, no diagrama «tipo unico» de farinha espiritual que certos padeiros politicos impingem á voracidade do indigena. Dizer mal é tão facil como dizer bem. Mas justificar o mal que se diz é tão dificil, para determinada gente, como sentir sobre si a avalanche do remorso do bem que não disse por repugnante espirito de perversidade.

Não vamos nós dizer mal nem bem. Vamos simplesmente gramofonar, mais uma vez, com sinceridade, com patriotismo, sem risos estultos nem comentarios idiotas, a tal frase que até agora tem sido tema de revisteiros e «refrain» inconsciente de cerebros mal alojados:

— O nosso futuro está nas colonias!

A' frente dos destinos do nosso patrimonio colonial temos presentemente figuras patricias que, a muitas milhas de distancia, são incapazes de esquecer que do Minho ao Algarve nervoseia um povo de tradições brilhantes chamado Português. Mais capazes de o esquecer somos nós, os que andamos, sem o querermos, emaranhados na teia envenenada da politiquice local.

Por isso mesmo, nos sabe bem ler com inteligencia as noticias que nos chegam de além-mar.

O que se passa em Angola?

O que tem feito Norton de Matos?

Ouça a curiosidade do leitor o que as ultimas noticias chegadas daquela provincia nos dizem.

Sobre funcionalismo publico

O nosso Alto Comissario se, por um lado, atende á precaria situação dos servidores da Republica Portuguesa em Africa, remunerando-os na medida do possivel, a dentro do que lhe permitem as receitas, por outro lado apela para a noção que lhes cumpre ter do dever a cumprir: a obrigação de não esquecerem que só o trabalho honesto e proficuo de todos eles conduzirá ao aumento dessas receitas de sorte a fazer-se face a maiores despesas com o pessoal que do Estado depende. Ou por outras palavras: «os funcionarios publicos não trabalham sómente para a comunidade, trabalham tambem para si mesmo; são directos interessados no progresso e riqueza que os seus esforços poderão produzir, e só uma inexplicavel desorientação haveria de colocá-los em antagonismo com o Estado, que, em ultima análise, por eles proprios é constituido». Não será muito facil, em menos palavras e em palavras tão singelas, dizer mais e melhor, áqueles a quem o Estado paga, sobre materia de direitos e obrigações de todos em geral e de cada um em especial.

O aproveitamento dos recursos naturais de Angola

Nos recursos naturais do solo se baseia o proveito a colhêr para o bem estar economico duma nacionalidade. Seguro da verdade dêste principio, assim legislou, com proficiencia e tino invulgares, o general sr. Norton de Matos:

«Tornando-se necessario basear na imediata e intensa exploração dos recursos naturais da provincia de Angola a sua prosperidade economica e sendo os jazigos de oleos minerais de tão grande importancia, que, por si proprios, maiores e mais fundadas esperanças dão ao governo da provincia de virem a constituir, a par de imediata fonte de riqueza, solido fundamento para o desenvolvimento industrial e uma acentuada expansão maritima: o alto comissario, atendendo a que não pode nem deve o Estado fazer concessão de tais depositos naturais da riqueza publica sem a sua devida, natural e importante comparticipação, decreta que o Governo de Angola conceda á Companhia Mineira de Moçambique, Limitada, o exclusivo de pesquizas de petroleo, quaisquer oleos minerais, produtos betuminosos e gazes hidrocarborados que o acompanhem e da exploração.

Fica taxativamente entendido que o capital inicial não poderá ser inferior a 2.500 contos e entendido tambem que esse capital se elevará ao *quantum* necessario á exploração regular e contínua dos jazigos descobertos. Pelo § 2.º do artigo 2.º do decreto em questão, o presidente e, pelo menos, metade dos outros membros do conselho de administração devem ser portugueses, cabendo ao Governo de Angola a faculdade de designar, na vigencia da concessão, três dos administradores portugueses.

Isto posto, o exclusivo das pesquizas concedido será por um periodo de cinco anos, facilitando-se que outro periodo de cinco anos imediatamente se siga, uma vez provado que o concessionario fez pesquizas intensivas durante o primeiro periodo. E são pesquizas intensivas as que representarem uma despesa efectiva não inferior, em cinco anos, a 2.500 contos ao par; pesquizas porèm que envolvam sempre perfurações mecanicas. Mas o exclusivo, que abrangerá toda a area da provincia de Angola, a que na data da concessão esteja livre para as pesquizas, não dá direito á busca de quaisquer outras substancias minerais, nem ao concessionario é permitido tão pouco utilizar em proveito proprio, ou alienar, os produtos que das pesquizas derivarem.

Obriga-se a companhia concessionaria a dar começo aos trabalhos de pesquizas dentro de 6 meses, a contar do dia da concessão, e a desenvolvê-los com persistencia e intensidade. A jurisdição para a hipotese de litigio entre as partes contratantes é a dos tribunais de Loanda.

A provincia de Angola participa do lucro da concessão do exclusivo de pesquizas

A provincia de Angola arrecadará: 25 0/0 do total das acções emitidas ou a emitar, seja qual fôr a quantidade ou natureza dessas acções, com direito a todos os dividendos de participações que ás acções indistintamente caibam ou venham a caber, as quais acções serão entregues á provincia integralmente liberadas; 12 0/0 da quantidade de petroleo ou oleos brutos extraidos e dos demais produtos directos ou indirectos da exploração, percentagem, esta ultima, que se cobrará em dinheiro e anualmente será liquidada, ao mesmo tempo que os impostos mineiros pelo valor comercial primario de cada produto.

A provincia de Angola terá, como accionista, direito de representação nas assembleias gerais da companhia concessionaria pelo maior numero de votos consentido pelo Codigo Comercial. Provado, perante os tribunais competentes, qualquer acto praticado, pela companhia concessionaria, tendente a lesar o Estado, diminuindo a participação nos lucros que á provincia pertença, a concessão está anulada. Obriga-se a companhia a dar aos governos de Angola e da Metropole a prioridade de compra para todo o petroleo, respectivos derivados, residuos ou subprodutos de que careçam para o seu consumo interno, para a sua navegação e para o abastecimento das suas estações depositos; porem, se houver em Angola mais de uma exploração de petroleo, os produtos de que se trata, fornecer-se-hão por todas as explorações proporcionalmente ao rendimento extraido.

Taxativamente se dispõe que os preços de venda tanto em Angola como na Metropole serão os do custo mundial e oficial com uma redução nunca inferior a 10 0/0.

O fundo de reserva da colonia

Não descurando, como já vimos, os interesses da provincia de Angola e, consequentemente, os interesses de todos nós, o sr. Norton de Matos resolveu que o fundo de reserva daquela colonia ficasse assim constituido:

a) pelas quantias anualmente inscritas no orçamento da colonia para tal fim, sempre que o orçamento tenha saldo; *b*) pela importancia de 10 0/0 do produto dos emprestimos na ocasião da sua entrega no tesouro da colonia de Angola ou da entrega como deposito á ordem em qualquer estabelecimento bancario; *c*) pela existencia no fundo da colonização. O fundo de reserva não poderá aplicar-se a despesas gerais da provincia mas é lícito que faça suprimentos aos cofres da colonia mediante amortização total dentro do exercicio e com o juro normal. Será a colocação dos capitais exercida pela Junta de Credito depois da autorização do Governador Geral em Conselho Executivo e o produto dos juros ou o dividendo e o lucro nas vendas de papeis de credito capitalisados teem de ser do fundo de reserva. Assim, logo que o rendimento desse fundo atinja 20 0/0 dos encargos anuais do serviço de divida, metade se aplicará ao aludido serviço e metade continuará a capitalisar-se. Identica operação se irá fazendo, no sucessivo, sempre que da nova capitalisação se obtiverem outros 20 0/0 até que o rendimento seja igual ao encargo, data em que a capitalisação cessará. E' criada a Junta do Credito de Angola.

Simultaneamente, em outro decreto, o alto comissario extingue o fundo privativo do conselho de administração dos portos e caminhos de ferro de Angola; os fundos proprios dos caminhos de ferro ou de outros serviços administrativos do extinto conselho de administração; e o fundo especial de fomento. Emquanto se não promulgar em Angola a remodelação dos actuais impostos, e das pautas aduaneiras, continuam a cobrar-se todos os adicionais sobre contribuições, impostos e direitos constantes da legislação em vigor ou de diplomas que se lhes refiram. Nestes termos, os rendimentos a cobrar, antes de 30 de junho p. p., dos fundos especiais, serão transferidos para os cofres da Fazenda á medida que forem realizados bem como os saldos existentes em dinheiro, e, as despesas a pagar das gerencias anteriores liquidadas serão por conta dos fundos especiais.

Melhor do que cá

Instituidos, como já dissémos, os armazens reguladores, medida com que sem delongas o alto comissario obviou á exploração dos gananciosos foram estabelecidos por portaria os seguintes preços maximos de venda pelos indigenas dos generos de primeira necessidade:

	Unidade	Preço maximo
Abacate	Cada	$01
Limões	»	$02
Laranjas	»	$02
Mangas	»	$01
Goiaba	»	$01
Ananaz	»	$10
Anonas	»	$02
Amendoim com casca	Quilo	$18
Arroz descascado	»	$50
Idem com casca	»	$30
Azeite de palma	»	$30
Banana solta	Cada	$01
Id. em cacho tamanho pequeno	Cacho	$30
Id. id. tamanho medio	»	$35
Id. id. tamanho grande	»	$40
Batata doce	Quilo	$04
Id. tipo europeu	»	$10
Café em grão	»	$40
Cebola	»	$10
Carvão	»	$03
Côcos	Cada	$06
Farinha de mandioca	Quilo	$06
Id. de milho (fuba)	»	$08
Feijão indigena	»	$15
Id. europeu	»	$16
Galinhas indigenas	Cada	1$00
Lenha	Quilo	$01
Mel (garrafa 0,7)		$30
Milho em grão, 15 quilos		1$00
Ovos	Cada	$05
Papaias e mamões	Quilo	$10

Publicaremos num dos proximos numeros outras determinações mandadas executar pelo sr. Norton de Matos que, pelo interesse vital que revestem, seria injusto deixar de estampar em letra redonda.

Companhia de navegação
LLOYD BRAZILEIRO
Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa
Para carga e passageiros trata-se com os agentes
PINTO & SOTTO MAIOR
Rua do Ouro, 24
Telefone n.º 1227 C. LISBOA

ESCOLA NACIONAL
PALACIO DA ANUNCIADA
(A' AVENIDA DA LIBERDADE)
Telefone, C 1749 — LISBOA
Direcção ARTUR TAMAGNINI BARBOSA
JOSÉ VICENTE DE FREITAS
REABERTURA A 10 DE OUTUBRO
Esta Escola, uma das mais antigas do país, ministra aos seus alunos internos, semi-internos e externos, instrução primaria, curso completo dos liceus e CURSO COMERCIAL diurno e noturno.
Esmerada educação fisica e moral.
Optimo tratamento.
Resultados dos exames do ano lectivo findo:
Alunos propostos para exame..... 319
Alunos aprovados..... 302
resultados estes que por si só recomendam este estabelecimento de ensino.

Oleo figado de bacalhau
(PURO)
SOCIEDADE COMERCIO NACIONAL, L.DA
59, Rua Nova do Almada, 1.º
Telefone C. 3190

NO ESTRANGEIRO

SERÁ DESTA VEZ?

O CONSELHO EXECUTIVO DA LIGA DAS NAÇÕES SOLUCIONA A COMPLICADA QUESTÃO DA ALTA SILESIA

O principal problema a resolver era se a fronteira devia ou não atravessar o "chapéu" — As garantias reciprocas alemãs e polacas — Um acordo comercial

GENEBRA, 12.

A solução da questão da Alta Silesia, entregue pelo Supremo Conselho á Liga das Nações em 12 de agosto, está concluida. O Conselho da Liga começou a ocupar-se do assunto em 29 de agosto, e depois de o estudar durante cinco dias, entregou a sua resolução aos quatro membros não permanentes do Conselho da Liga: Paul Hymans, belga; Quinones de Leon, espanhol; Cunha, brasileiro, e dr. Wellington Koo, chinês, porque nenhuma das nações que representam era afectada pela questão da Alta Silesia.

Apesar do Conselho desejar reunir ainda ámanhã e não querer notificar de Genebra as suas decisões, mas submetê-las primeiro ao Conselho Supremo em Paris, pode-se, no entanto, desde já, prever as suas decisões.

O principal motivo do litigio era o triangulo industrial que o Conselho designa pelo nome de «chapeu», porque se assemelha no mapa ao tricornio napoleonico. A questão principal a resolver era se a fronteira devia atravessar este triangulo ou não, tendo sido finalmente resolvido dividir o triangulo, seguindo fronteiras naturais tanto quanto possivel.

Os polacos deverão permitir aos alemães que tenham escolas alemãs e liberdade religiosa. A Alemanha concederá aos polacos as mesmas garantias. Será permitido aos alemães e aos polacos que não queiram permanecr nos territorios que foram dados á Alemanha ou á Polonia que emigrem livremente para os seus paizes. Para a resolução deste e doutros detalhes estabelecer-se-há um periodo de transição de duração ainda não definida.

A resolução destas questões será, em ultima instancia, resolvida pela Repartição Internacional do Trabalho. O Supremo Conselho recomendará o estabelecimento de um acordo comercial entre a Alemanha e a Polonia na Alta Silesia. — (R.).

O dr. Rosen recebeu do sr. Sthamer opiniões reservadas do governo inglês

BERLIM, 12.

A questão da Alta Silesia é considerada aqui como um assunto de extrema gravidade. Desmente-se que o sr. Sthamer tenha comunicado ao dr. Rosen, ministro dos Negocios Estrangeiros, opiniões reservadas do governo inglês sobre aquela questão. Tambem se desmente que o chanceler deseje a demissão do ministro dos Negocios Estrangeiros.

Uma delegação das «Trade Unions» alemãs partiu para Londres, para tratar aí da questão da Alta Silesia. — (R.).

A partilha da Alta Silesia dará logar a conflitos graves?

BERLIM, 12.

Devido aos boatos que têm corrido ácerca da resolução da Sociedade das Nações, sobre a partilha da Alta Silesia, nota-se uma grande actividade entre os membros da Selbstschutz, da Heimatschutz e de todas as organizações clandestinas. O general Hoefer está disposto a intervir novamente. Os grandes industriais têm dado subsidios importantes para se desenvolver a propaganda e ajudar os grupos de defesa. E' possivel que venham a dar-se acontecimentos graves. — (U. P.).

AS RELAÇÕES FRANCO-ITALIANAS

A IMPRENSA ITALIANA NÃO SÓ JUSTIFICA OS ACONTECIMENTOS DE VENEZA COMO OS CONSIDERA NECESSARIOS

DIZ O "POPOLO D'ITALIA":

"PELAS SUAS MANIFESTAÇÕES O POVO DE MILÃO E DE VENEZA QUIZ EXPRIMIR A AVERSÃO QUE LHE INSPIRA A POLITICA NOTORIAMENTE ANTI-ITALIANA DA FRANÇA, DESDE O ARMISTICIO"

Dias antes da passagem da missão militar francesa pelo norte da Italia, falando com varias pessoas que chegavam de Veneza, tinhamos ouvido que o povo italiano não podia ouvir falar dos franceses.

—«Não imagina! é peor do que falarem-lhe nos alemães! O odio de que dão provas, só é comparavel ao que manifesta o português quando lhe falam em incursões espanholas!...»

Ainda que a atmosfera que rodeia as relações franco-italianas fosse excessivamente fria, não presumiamos que «o odio» fosse tão grande; e dizemos odio, porque só um sentimento muito fundo pode levar um povo a manifestar-se de tal maneira contra estrangeiros que os vizitam como amigos, esquecendo a mais rudimentar regra de hospitalidade.

As manifestações não podiam ter sido mais hostis, a menos que se descem ataques á mão armada. A missão foi disolvida, e o proprio embaixador francês foi separado do general Fayolle.

Já a este respeito fizemos algumas reflexões que estão sendo corroboradas, passo a passo, pelos factos.

A opinião francesa recebeu as explicações diplomaticas com a maior boa vontade; a imprensa francesa procurou explicar, desculpar os acontecimentos, procurou não lhes ver o alcance, e atribuiu-as deliberadamente á acção facciosa dos fasciti. Logo dissemos que era este um não ver generoso, mas errado; as alianças dos povos não se firmam com hinos, nem com batalhas, mas exclusivamente com interesses comuns.

Perante as palavras da imprensa italiana a imprensa francesa reconhece que não pode limitar-se ás palavras de desculpa que já disse, pois vê-se obrigada a reconhecer que aquela, tomada em conjunto, «longe de reagir contra aquelas manifestações anti-francesas, procura explicá-las e desculpá-las, senão até justificá-las».

Estas palavras são ainda moderadas, para classificar a especie de sentimentos tornados publicos na imprensa italiana.

Esta não explica, nem justifica apenas; considera necessarias, uteis e patrioticas tais manifestações. Ao acaso podemos escolher: Diz o *Popolo d'Italia* que as scenas escandalosas de Veneza eram necessarias para marcar bem o dissentimento entre os dois paises. «Pelas suas manifestações o povo de Milão e de Veneza quiz exprimir a aversão que lhe inspira a politica notoriamente anti-italiana da França, desde o armisticio». *El Messagero* diz, depois de expôr as fazes principais da politica franco-itaiiana: «Os nossos amigos franceses devem compreender que, nestas condições, não é possivel esquecer de repente o mal passado que se resolve num pesado passivo, em virtude de um gesto de amizade que nos é certamente precioso e a que damos grande valor, mas que não emenda o passado». Dois deputados nacionalistas protestaram perante o presidente do conselho contra as prisões efectuadas quando das manifestações, e preguntaram-lhe «qual era o ensinamento que o governo contava tirar da vontade do povo italiano até agora muito desconhecida».

E' pois bem claro que toda a Italia sente pelos acontecimentos de Veneza; não o pode declarar o governo que é obrigado como pessoa bem educada, a pedir desculpa pelas inconveniencias que alguem sofreu em sua casa; e compreende-se que mesmo sem tomar em conta a delicadeza, acontecimentos daquela ordem não podiam deixar de ter uma explicação oficial, sob pena de consequencias de grande gravidade.

O *Temps* já vai compreendendo que as explicações nada querem dizer quanto ao verdadeiro sentimento italiano que vem estampado na imprensa, como ele proprio reconhece. Diz nitidamente á Italia, que se a França teve erros, não são evidentemente manifestações como as de Veneza, que a obrigara a fazer *mea culpa;* e depois de dizer á Italia estas palavras: «Com um pouco de boa vontade os nossos amigos italianos poderiam constatar que as decepções do Adriatico foram devidas a outras resistencias que não ás da França, e quanto ás decepções da paz, elas foram decerto tão grandes para a França como para a Italia», o *Temps* faz notar á Italia que se se volta para a Alemanha, terá no futuro dissabores com ela identicos aos que teve sempre com a Austria.

E' possivel que as previsões do *Temps* venham a ser justificadas; mas não é decerto com o argumento supremo, dos mortos franceses e italianos no campo de batalha, que a França convencerá a Italia a pôr de parte toda a amizade; a Italia odeia a França porque a considera a principal causadora dos seus dissabores no Adriatico; só a demonstração de que os da França são pelo menos tão grandes como os dela, de que a França não tem toda a culpa que lhe parece, e de que a Alemanha é um grande perigo de futuro, poderá fazer desaparecer tal odio. A lembrança dos mortos italianos, a par das decepções experimentadas, só avivará mais tal odio, pois os italianos não poderão deixar de preguntar-se para que morreram os seus irmãos.

EM MOSCOW

UM ATENTADO CONTRA TROTSKI

O COMBOIO EM QUE OS CONSPIRADORES JULGAVAM QUE VIAJAVA O COMISSARIO BOLCHEVISTA FICOU COMPLETAMENTE DESTRUIDO E PARECE TER HAVIDO INUMERAS VITIMAS

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

HELSINFORS, 12 — Dizem de Mocow que Trotski esteve prestes a ser vitima dum atentado, tendo-se salvo porque o comboio em que vinha, e que os conspiradores pretendiam fazer saltar por meio de dinamite, sofreu hora e meia de atraso. Os autores do atentado fizeram saltar um comboio de mercadorias que eles tomaram pelo em que viajava Trotski. A explosão foi formidavel, ficando destruidos 35 wagons e havendo numerosas vitimas. A policia procura activamente os autores do atentado. — (U. P.)

FALAM OS NUMEROS

A PRODUÇÃO DAS MINAS DE CARVÃO NA BELGICA NO ANO PASSADO FOI QUASI IGUAL Á DO ANO DE 1913

Se a crise industrial geral diminuiu a produção de 1921, a greve mineira inglesa deve ter dado uma grande actividade — A produção de 1913 a 1920

BRUXELAS, 12

Depois de ter permanecido sensivelmente restringida por causa da guerra, a produção mineira belga melhorou rapidamente, e as cifras podem comparar-se ás de antes da guerra.

As cifras totais de toda a Belgica, excluindo o Luxemburgo, dividem-se pela seguinte forma:

Anos	Toneladas
1913.....	22.841:590
1914.....	16.714:050
1915.....	14.177:500
1916.....	16.852:870
1917.....	14.910:700
1918.....	13.887:604
1919.....	18.232:950
1920.....	22.120:390

A produção de 1920 é quasi igual á de 1913. Emquanto á produção de 1921, ha que ter em conta a crise industrial geral, e convem notar tambem que a greve mineira inglesa deu ás minas de carvão belgas uma actividade que se deixara sentir nos resultados da campanha que se está fazendo.

DE MADRID

A lotaria

MADRID, 12.

Os numeros mais premiados na lotaria foram: 11.238, 15.927, 26.446. Premiados com duas mil pesetas: 27.034, 9.321, 19.013, 13.698, 9.986, 29.035, 10.164, 14.754, 17.214 e 30.883. — (R.).

DE MELILLA

OS MOUROS DA KALIFA DE BENI-SICAR ESTÃO DISPOSTOS A ACEITAR TODAS AS CONDIÇÕES?

O que vai fazer Berenguer

MELILLA, 12.

As forças do general Sanjurjo estabeleceram nas posições recentemente tomadas três fortins estrategicos. As tropas espanholas encontraram no Gurugu muitas munições para canhões e cartuchos para infantaria. Atraz de um parapeito encontraram tambem quatro canhões, dois dos quais estavam inutilizados.

Os mouros da kabila de Beni-Sicar comunicaram a Abd-el-Kader que estavam municaram a Abd-el-Kadar que estavam lhes fossem impostas pelos espanhois. Sabe-se que Berenguer está disposto a impôr condições severissimas. — (R.).

A ultima vitoria espanhola

MELILLA, 12.

Várias personalidades e representantes do comercio desta praça visitaram o Alto Comissario para o felicitar pela brilhante vitória obtida pelas nossas tropas com a ocupação do Gurugu, testemunhando-lhe o reconhecimento dos habitantes da cidade pelos esforços que o general Berenguer tem feito para honrar o exercito e a nação espanhola. — (U. P.).

ENTRE ISRAELITAS

O dia de "kipur"

A NOITE DE ONTEM NO TEMPLO JUDAICO

As impressões e os comentarios dum jornalista

(*Continuação da 4.ª página*)

ciam-se nomes, alguns de sobra conhecidos no nosso alto comercio. Benoliel continua a elucidar. Aponta:

— Aqueles dois judeus que estão ali, não vê? São norte-americanos. Tanto andaram que descobriram onde é a sinagoga. Preguntaram á entrada, junto ao cancelo, indecisos: «Sinagoga? A alegria deles, quando acenaram que sim...

Puzemo-nos de lado, emquanto os israelitas, agrupados no pequeno pateo que precede o edificio, permutavam saudações. Maquinalmente, pedimos de um cigarro. Já não fumavamos há uma hora e o vicio... De um grupo olham-nos de soslaio. Alguem diz:

— E' catolico.

Julgámos que a explicação bastasse—embora em futileria religiosa quem estas linhas escreve seja o maior neutral possivel...—e continuámos a fumar. Perto, um judeu ainda novo, vestido com uma modestia demasiadamente acentuada e que durante a cerimonia se distinguira pelo seu fervor, pede-nos:

— Deite o cigarro fora. Hoje é dia de *Kipur* e o jejum começou ao pôr do sol. Bem sabemos que o senhor não é judeu...

Apagámos o *Antonimo*. O interlocutor continuou a justificar-se: — E' que o *Kipur* é um grande dia para nós. Hoje já é importante, mas amanhã é muito mais. Eu, ás sete horas, guardei o tabaco. Vou passar a noite a rezar pelos meus livros...

Entretanto, a debandada dos crentes em Moysés, acentuara-se. A um canto gritava-se uma qualquer questão de janelas abertas e janelas fechadas. Naquele grupo, grande mancha negra de sobrecasacas e *fráks*, as vozes atingiam um elevado registo. Comentario do israelita que tantas observações nos fizera, para o companheiro do lado:

— Vamo-nos embora. Aquilo é lá uma questão entre *pinocas*, entre os *gajos* da *massa*...

E o relogio já marcava 21 horas, quando, em companhia de Benoliel, judeu amigo, e de mais alguns de conhecimento recente, fizemos a pé, para não perder a companhia, a distancia que nos separava de casa. Assim procedemos, tambem, para que não dissessem que não correspondiamos á gentileza judaica, colaborando, embora em dose diminuta, no sagrado dia de *Kipur*... — S. P.

Bolsa de Lisboa

Dia 12

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	46$90	48$
s|Londres cheque	6 1|16	5 15|16
» 90 d. v.	6 3|16	—
Rio s|Londres	8 1|16	—
s| Paris	744	765
s| Italia	405	418
s| Belgica	735	753
s| Suissa	1875	1918
s| Espanha	1365	1405
s| Berlim	87	92
s| Holanda	3 60	3470
s| Nova York	10100	10500
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2 0|0	—
» » » Portugal	7 1|2 0|0	—
Agio do ouro	800	900

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	54,55
» s|Londres	28,73
» s|New-York	—
» s|Berlim	—
Paris s|Londres	52,61
» s|Madrid	—
» s|Genebra	—
» s|Berlim	—
Londres s|Paris	—
» s|Roma	—
» s|New-York	3,875
» s|Berlim	—
» Amsterdam	—
» s|Genebra	—
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

APENAS EM ESPIRITO?

PERSISTE A IDEIA DE UM MOVIMENTO REVOLUCIONARIO

O "Diario de Lisboa" informa o seu publico

O movimento revolucionario continua? Continua, sim senhor!

O movimento revolucionario pode ser e pode deixar de ser a revolução, ou a simples insubordinação dos valores constitucionais e legais. Pode ser e será mesmo uma platonica aspiração de alguem, de muitos, se quizerem, da maioria, todos ligados numa coesão digna de respeito para o triunfo de um determinado ponto de vista nacional. Assim, nesta ordem de ideas, é indiscutivel que existe hoje no paiz um fermento revolucionario, um espirito de revolução platonica permanente. Quere-se outra politica, mais ordem no comando, mais direcção. Não se quere a politica dos partidos. Repetimos, porêm: esta revolução não é a bomba, a espingarda, o combate.

Não é; mas pode ser de um momento para outro. E é este o caso que vamos, em informação, pôr diante do nosso publico ledor.

***

«A Patria», nosso prezado colega da manhã, publica hoje uma carta do dr. Julio Martins, chefe politico de uma facção parlamentar que acabou — e que não sabemos se logrou criar raizes partidarias na opinião publica — na qual carta se lê:

«Eu tenho a impressão, meu caro Nuno Simões (e tudo o indica a quem quizer e souber ver e observar), que em Portugal anda a gerar-se um grande movimento de reacção nacional. Esse movimento poderá ser a explosão duma grande força espiritual, sem armas e sem tiros (o que seria ideal), ou pelo contrario, ele surgirá brutal e sangrento, agitando de *fond en comble* a sociedade portuguesa.»

O chefe popular, cujo nome republicano ninguem contesta, o que quere dizer que se não contesta tambem o seu patriotismo intencional, anuncia, pois, em confirmação do que escrevemos acima, a possibilidade de um movimento armado.

De facto, falida a iniciativa da «Salvação Publica», que já seria, a efectuar-se uma manifestação revolucionaria com seus perigos e reversos que é obvio de monstrar, aquela corrente de aspirações, de reacção, de tal espirito revolucionario, voltou-se outra vez para o campo do facto e da luta pelo golpe armado. Isto é verdade, e porque o é, o dizemos aos nossos leitores.

Quem está trabalhando nessa corrente de acção conspiratoria não o podemos dizer. Talvez o governo o saiba. O certo é que o «comité» do ultimo pretenso movimento não foi dissolvido e que, feitas algumas harmonias nos elementos secundarios sem componentes, se lhe agregaram novos valores.

O que trava pesadamente o andamento e a explosão do citado espirito revolucionario, onde pode andar de braço dado a sinceridade de uns com as ambições ou feitio profissional de agitador de outros é o legitimo e sensato criterio de muito milhar de pessoas, de que é preciso continuidade na acção governamental, de que as revoluções são sempre germens de outras revoluções futuras e de que o gabinete Granjo oferece bastantes garantias de progresso e moralização na administração publico.

Mas haja que criterio sensato e benefico houver, o indiscutivel, e que pomos ao leitor, é que persiste, em forma unisona e em organização, um movimento revolucionario. Para ir a tiro, para ir pela persuação? Talvez ainda não esteja resolvido.

A' margem, mas em ligação de oportunidades, com o «comité» politico trabalha um «comité» operario comunista ou simplesmente sindicalista. Esse «comité» tem os seus preparativos feitos Não tratamos de afirmar coisas vagas. Esse «comité» estará, segundo o que sabemos, divorciado dos elementos dirigentes da C. G. T., mas como a familia operaria de acção entre nós é pequena, provavel seria ao governo deitar-se a adivinhar os nomes dos conspiradores. Prevenimos de que faliria. São todos absolutamente novos, e o que é mais, alguns sinceros, ainda que sectarios.

Uma formula adoptada pelos supostos revolucionarios será a de desprestigiar a força moral do governo, com conflitos locais e minusculos, do dia a dia, até extenuar a anunciada estabilidade politica do gabinete Granjo. Ontem, com o pretexto da ordem policial de limpar os passeios do Rossio, do lado dos cafés, chegaram a pensar em conflitos sistematicos, só de alarme. Não houve tempo de o fazer.

Quem está metido na direcção do movimento que — insistimos — tanto pode ser platonico como de facto, não o sabemos, e se o soubessemos não o diriamos.

O que afirmamos é que a tranquilidade politica não se fez. Um dos objectivos de muitos revolucionarios é que cresce de adeptos e provocá reacção até em individuos dados á boa paz, é modificar a situação de alguns portugueses em Paris, pagos em ouro, desnecessariamente em tanto numero e tanto ouro, o que muitos acham um exemplo de devorismo identico ao das comissões perpetuas do antigo constitucionalismo monarquico. Mais se pretende pôr a claro a confusa situação financeira, já se não diz resolvê-la, e liquidar o Parlamento, que muitos chamam mau, e principalmente os que não foram eleitos, e de uma maneira geral encaminhar a politica para um caminho — ou desvio — diverso.

Será isto util? Será conveniente perturbar a marcha, o trabalho continuado de um governo, este ou outro qualquer. *Cremos que não.*

Mas não é da nossa crença que se trata. E' de informar o publico. E, assim, é positivo que está um movimento revolucionario de aspirações na trama. Apenas em espirito? Ah! O tempo, e muito breve, o dirá.

TRIBUNAL DE MARINHA

Julgamento do sargento Mario de Carvalho, acusado de rebelião quando do movimento de 21 de Maio

Reuniu hoje, ás 12,50 horas, o Tribunal de Marinha, sob a presidencia do capitão de mar e guerra sr. Izidoro Pereira Leite, tendo como juiz auditor o dr. Alberto Teixeira de Sampaio, como defensor capitão de fragata Antonio Pinheiro Silvano, e como promotor de justiça Artur Vital da Cunha Freitas, para julgamento do 2.º sargento da armada Mario de Carvalho.

O réu era acusado de, no movimento de 21 de Maio ultimo, ter fomentado a rebelião entre os seus camaradas.

Aberta a sessão, procedeu-se á chamada das testemunhas de defesa e acusação, tendo em seguida o secretario do tribunal feito a leitura do processo, de que era queixoso o capitão-tenente sr. Prestes Salgueiro.

O réu, quando interogado pelo juiz auditor sobre o crime que lhe era imputado, negou, com firmeza, terminantemente a acusação.

Depuzeram como testemunhas de acusação os guarda-marinhas srs. Luiz Freitas Oliveira, Manuel Alves Brito Botelho, Daniel Pereira Cabral e Marcos Vieira, que confirmaram os seus depoimentos: como testemunhas de defesa os srs. capitão-tenente Procopio de Freitas, Carlos Magalhães Ferraz, 2.º tenente Mateus Pereira Castro e guarda marinha Benjamin Rodrigues, que atestaram o bom comportamento do réu.

Depois foi ouvido o queixoso, o sr. Prestes Salgueiro, que descreveu minuciosamente como os factos se passaram quando da rebelião.

Por fim iniciaram-se os debates,

A' hora de fecharmos o nosso jornal, está reunido o juri, a fim de se pronunciar sobre os quesitos.

NA RUA DOS DOURADORES

A tiros de pistola

UMA MORTE E UM FERIDO EM ESTADO GRAVE

Ignoram-se as causas da triste ocorrencia

O dia de hoje foi assinalado por um lamentavel caso que, tendo dado origem á morte de um comerciante bem conhecido em Lisboa, e ao ferimento grave de um outro, constituiu o assunto de todas as conversas. Eis como a triste ocorrencia se deu, segundo as notas da nossa reportagem.

No predio n.º 159 da rua dos Douradores, ocupando o segundo e terceiro andares, existe, desde Agosto de 1917, um armazem de fazendas por atacado, da firma comercial Castro, Rocha & C.ª Ltd. Dessa firma fazem parte os srs. José de Castro, natural de Vizeu, de 37 anos, casado, tendo um filho menor e residente na rua Actor Taborda, 21, e Eduardo Vieira da Rocha, da mesma idade e naturalidade, solteiro e morador na Avenida Antonio Augusto de Aguiar, 48.

Como de costume, os dois socios, logo de manhã compareceram no seu armazem, tendo estado, por largo tempo, a conversar no escritorio, que está instalado no 2.º andar, sobre qualquer caso de importancia. Certo é, que algo de anormal se passou entre os dois, tendo alguns empregados da casa reparado que eles subiram para um dos compartimentos do terceiro andar, por uma escada que existe dentro do armazem.

Pouco tempo depois, os referidos empregados ouviram três detonações que os deixaram perturbados a mais não poder ser.

Dois deles, os srs. José Bernardo e Julio Soares de Almeida, correram imediatamente ao 2.º andar, assim como o agente Pereira dos Santos, que passava na ocasião, e os guardas 920 e 1205, que perto andavam de serviço.

Lá em cima, esperava-os um bem triste espectaculo. Os dois socios estavam estendidos no chão, o primeiro morto e o segundo, ainda com vida, tendo um revólver na mão.

Um dos nossos «reporteres» tambem compareceu no local do crime, não tendo podido obter grande informação, em consequencia dos empregados ignorarem os motivos da tragedia, que causou a maior surpreza, pois que, entre os dois socios, existiam as melhores relações, dando-se como se fossem irmãos.

A hipotese de que fôra por motivo de negocios, está arredada, pois que estes corriam na melhor harmonia e a sua situação financeira excelente.

Os dois socios foram imediatamente conduzidos em dois trens, para o hospital de S. José, sendo o Castro imediatamente conduzido para a morgue, emquanto que o Rocha dava entrada no banco, onde recebeu os primeiros curativos. Seguiu, depois, para uma enfermaria, onde ficou debaixo de prisão, sendo o seu estado bastante satisfatorio.

O TEMPO

A QUE SAO DEVIDOS OS GRANDES CALORES QUE TÊM ASSOLADO A INGLATERRA E FRANÇA

A opinião dos meteorologistas

PARIS, 12.

Segundo a opinião de meteorologistas, os grandes calores que têm assolado a Inglaterra e a França são devidos a um vento vindo do Sahara e da região marroquina. Existe uma depressão no Atlantico, coincidindo com um anticiclone no sudeste do Mar Negro. As regiões situadas entre estes dois fenomenos meteorologicos atraem as correntes de ar quente do norte de Africa. — (U. P.).

Toda a correspondencia relativa a anuncios, assinantes e agentes deve ser dirigida á rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria deste jornal, onde se encontram já instalados todos os serviços de administração.